

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS**  
**EM COLABORAÇÃO COM A ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA DO INSTITUTO**  
**POLITÉCNICO DE LISBOA NOS 50 ANOS DESTA**  
**26 de julho de 2023**

**SESSÃO “PRIMEIRA PESSOA NO SINGULAR”**

**VERÃO 77 / 2011**

*de Adriano Mendes*

*Realização: Adriano Mendes / Argumento e Assistência de Realização: Pedro Florêncio / Produção: Pedro Souto / Apoio à Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), realizado no âmbito do 3.º ano da Licenciatura em Cinema / Chefia de Produção: Mariana Fortuna / Direção de Fotografia: José Pedroso / Direção de Som: Maria Mendes / Montagem: Inês Pott / Assistência de Montagem: Andrea Solis / Anotação: Filipe Franco / Direção Artística: Inês Pott / Maquilhagem, Cabelos e Caracterização: Elodie Fiuza / Pós-produção e Mistura de Som: Maria Mendes / Interpretações: João Silvestre (Pai), Tiago Fernandes (Filho) / Cópia: Betacam, a cores, falado em português com legendagem em inglês / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**NA MINHA VIDA / 2023**

*de José Lobo Antunes*

*Realização: José Lobo Antunes / Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), realizado no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental / Montagem e Mistura: Vicente Molder / Música: pai do cineasta (tal como creditado) / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 18 minutos / Estreia Mundial: 2023, Festival IndieLisboa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**TU. TU. TU. / 2019**

*de Marcelo Tavares*

*Realização, Imagem, Som: Marcelo Tavares / Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), realizado no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental / Montagem: Clara Jost / Orientação Académica: Manuela Viegas / Cópia: DCP, a cores, falado em português com legendagem em inglês / Duração: 12 minutos / Estreia Mundial: Maio de 2019, Festival IndieLisboa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**TUDO VAI SEM SE DIZER / 2014**

*de Rui Esperança*

*Realização, Som, Imagem e Montagem: Rui Esperança / Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), com o apoio de Ao Norte – Associação de Produção e Animação Audiovisual, realizado no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental / Orientação Académica: Graça Castanheira / Pós-Produção de Som: Rafael Cardoso / Digitalização 8mm: Nuno Ribeiro (filmes 8mm da família Esperança realizados por António Praça Esperança) / Consultoria de Produção: Rúben Gonçalves / Produção Executiva: Rui Ramos / Narração: Mía Tomé / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 20 minutos / Estreia Mundial: 2014, Festival IndieLisboa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**REGISTOS / 2021**

*de Lourenço Ferreira Pinheiro*

*Realização, Argumento e Montagem: Lourenço Ferreira Pinheiro / Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), realizado no âmbito da cadeira de Laboratório Experimental / Orientação Académica: Margarida Leitão / Som e Mistura: Filipe Adubeiro, Low Wave Studios / Cópia: Ficheiro, a cores e a preto-e-branco, falado em português*

/ *Duração*: 14 minutos / *Estreia Mundial*: 2021, Festival IndieLisboa / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

### RHOMA ACANS / 2012

de Leonor Teles

*Realização*: Leonor Teles / *Produção*: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), realizado no âmbito do 2.º ano da Licenciatura em Cinema / *Direção de Produção*: Daniel Valente / *Assistência de Produção*: Rita Pereira / *Assistência de Realização*: Francisco Adão / *Montagem*: João Gomes, Leonor Teles / *Assistência de Montagem*: Francisco Adão / *Direção de Fotografia*: Sofia Lacerda / *Assistência de Imagem*: Rui Esperança / *Direção de Som*: Joana Niza Braga / *Cópia*: Ficheiro, a cores, falado em português / *Duração*: 13 minutos / *Estreia Mundial*: 2012, Caminhos do Cinema Português / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

### FLORES PARA O MEU PAI / 2022

de Luís Afonso de Matos

*Realização, Montagem e Montagem de Som*: Luís Afonso de Matos / *Produção*: Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), filme realizado no âmbito do 3.º ano da Licenciatura em Cinema / *Argumento*: Luís Afonso de Matos, baseado nas suas memórias com Luís Alves de Matos / *Assistência de Montagem*: Mara Boyce / *Direção de Produção*: Miguel Aido / *Assistência de Realização*: Gonçalo Pina / *Anotação*: Afonso Abreu / *Chefia de Produção*: Rodrigo Teixeira / *Assistência de Produção*: Pedro Marques / *Direção de Fotografia*: Mariana Santana / *Direção de Som*: Vicente Molder / *Direção de Arte*: Afonso Abreu / *Figuração*: Francisco Violante / *Interpretações*: Rafael Oliveira (Filho), Paulo João (Pai) / *Cópia*: Digital, a cores, falado em português / *Duração*: 13 minutos / *Estreia Mundial*: 2022, Festival DocLisboa / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

*Duração aproximada da projeção*: 102 minutos.

Sessão com José Lobo Antunes, Luís Afonso de Matos, Leonor Teles, Lourenço Ferreira Pinheiro, Marcelo Tavares e Rui Esperança.

\*\*\*

Um conjunto de filmes de escola que murmura a palavra “eu”. Se há característica comum a estes exercícios é a maneira autêntica e despreziosa como cada cineasta encara o seu lugar no mundo, quer dizer, lida com as suas origens e identidades, assumindo exatamente isso: a identidade como coisa múltipla. São filmes pessoais e transmissíveis, que resgatam memórias, que reconstituem instantes de uma vida passada (*mas sempre presente*), remetendo para – e remontando bem por dentro – uma dada existência no tempo e no espaço (“Lembro-me. E agora?” como pergunta de partida). Alguns dos cineastas desta sessão fazem questão de se mostrar como agentes desafiadores de um “programa qualquer” que a vida lhes poderia ter prescrito e ao qual os poderia ter condenado, agrilhando-os a “não retornos” ou produzindo cortes absolutos. Os *desvios* são múltiplos e produzem várias (auto-)reflexões, ainda que seja esse murmuroso “eu”, algo hesitante e púdico, o efeito mais belo destas obras que se propõem colar as pontas soltas da existência – falamos de realizadores no princípio das suas vidas adultas, quer dizer, *ainda à descoberta de si mesmos*.

Essa existência pode guardar uma potência que se quer inscrever, reinscrever ou até, eventualmente, desinscrever. Veja-se, neste particular, como as raízes ciganas de Leonor Teles são reclamadas em **Rhoma Acans** ou como a história de vida – e a própria identidade de género – de Lourenço é significada em **Registos**. Podem ser filmes que adaptam memórias de infância, como um álbum de fotografias mostrado e comentado à nossa frente (casos de **Na Minha Vida** [em sentido mais literal] ou **Flores para o Meu Pai** [em sentido mais metafórico]). Pode ser esta memória como uma matéria que se monta e remonta, imagens deixadas para alguém, um filho ou um neto, como mensagens colocadas em garrafas e arremessadas para as agitadas águas das relações humanas (a incomunicabilidade entre pai e filho parece ser “remendada” no programa de montagem do pai, em **Verão 77**) ou da história de um país (a avó do realizador e uma carta que esta recebeu, vinda do ultramar, em 1958, recuperada em **Tudo Vai Sem se Dizer**).

A nudez do gesto que embala estes exercícios explica-se, em parte, pelo facto de terem sido, na sua maioria, pensados e concebidos no âmbito da disciplina de Laboratório Experimental. Trata-se de uma cadeira

desenrolada em regime tutorial e destinada à criação de obras, normalmente, mais pessoais ou idiossincráticas do que os trabalhos finais da Licenciatura em Cinema, que potenciam os géneros do ensaio, do documentário e da videoarte (talvez **Rhoma Acans** seja, neste particular, um pouco como a exceção que confirma a regra, uma vez que foi realizado como projeto final do 2.º ano dessa licenciatura, mas efetivamente tem – já lá vou – as características de um filme de Laboratório). Assim, cada aluno conta com o apoio e orientação de um tutor e não são dadas aulas expositivas com matéria, trata-se, antes pelo contrário, de um tipo de ensino personalizado, tão *matter of fact* quanto “visceral”, para usar uma palavra dita pela orientadora académica do filme **Registos**, Margarida Leitão, numa conversa realizada com o propósito da redação desta Folha de Sala. Da referida tutoria podem surgir importantes recomendações de leituras de textos ou visionamentos de filmes, mas tão ou mais importantes do que isso são as conversas mais conceptuais e práticas acerca da realização e do processo de montagem do filme em questão. Por tudo isto, nestas obras ressaltam, por um lado, uma assinalável diversidade de propostas formais e, por outro, a sua singularidade quanto aos temas (acima de tudo, devido à recorrência desse tema muito geral e muito particular que tenta dizer, ou murmurar, a palavra “eu”).

**Verão 77** não foi realizado em Laboratório Experimental, mas na conclusão da Licenciatura em Cinema. É um trabalho de fim de curso de um dos mais audaciosos cineastas da sua geração, Adriano Mendes, que recentemente estreou no circuito comercial **28 ½** (2020) (com passagem prévia na Cinemateca Portuguesa). Talvez seja esta uma das grandes potências da descoberta destes filmes de escola: tentarmos detetar marcas de um cinema por vir num exercício que poderá ser mais ou menos incipiente. A verdade é que não se trata (longe disso) de uma primeira obra: a paixão de Adriano Mendes pelo cinema é perfeitamente autossuficiente e começou, de maneira genuinamente amadora, na Sertã, algures entre o fim da infância e o princípio da adolescência, testando reflexos na animação e, depois, adquirindo ainda mais maturidade no chamado cinema de imagem real.

De qualquer maneira, a história de **Verão 77**, concentracionária e minimal, tem muitos dos elementos que, ao dia de hoje, moldam o gesto do cinema do realizador. Em certa medida, a sua passagem pelo Conservatório teve o condão de gerar um novo começo na sua obra, um simbólico recomeço marcado pela ironia de a sua primeira longa-metragem (vencedora da competição Novíssimos do IndieLisboa em 2014) ter sido intitulada **O Primeiro Verão**. Histórias sobre a incomunicabilidade entre personagens que são levadas para um *décor* como quem conduz lutadores para um ringue. Mas o boxe é quase invisível, repleto de “socos fantasma”, cedendo à melancolia e a doloridos gestos de ternura. Em **Verão 77**, nesse Verão antes de “o primeiro”, narra-se a história de uma rutura sentimental entre um pai, doente, cansado e envelhecido, e um filho, desamparado e angustiado. O primeiro monta imagens do passado – parecem ser filmes domésticos que evocam um tempo de unidade ou de quase felicidade que, sentimos, nem por sombras se cumpriu –, ao passo que o segundo ainda anseia por um fim de vida digno para o seu pai e alguma forma de reparação para essa relação ferida e distante entre os dois (que precisa de uma “nova montagem”). Com argumento de Pedro Florêncio e produção de Pedro Souto, dois nomes posteriormente associados aos universos do documentário e do terror, trata-se de um filme talvez anormalmente plúmbeo para um exercício de escola, revelador de uma vontade de pensar o cinema como máquina de afeição e de memória (não espanta que, segundo sei, **Je t’aime, je t’aime** [1968], de Alain Resnais, tenha servido de referência na construção desta história).

**Na Minha Vida** é o título mais fresco de todos os que se programam neste ciclo. Excursão no tempo baseada em fotografias encontradas num envelope, com a marca Kodak, proveniente de uma loja de revelação fotográfica. Num texto rememorativo, rico em recordações (às vezes dispersas, lacunares, algo “desfocadas”) e sugestões do passado (lampejos de um tempo não tão distante assim, mas a tenra idade de então do realizador-narrador não permite ir mais fundo, e “focar” com outra clareza, estes artefactos contendo o germe da memória), José Lobo Antunes dá-nos a mão para nos guiar numa visita sentimental (nada sentimentalista) à sua infância, acabando, advertidamente ou não, por produzir um retrato afetuoso de algumas presenças na sua vida (algumas intervém na banda sonora como vozes interpelantes, em diálogo com o autor-que-se-records). A matéria é a mais justa possível: o da (hoje rara) fotografia de uma câmara descartável. Há sempre uma voz que diz “eu” e outra que responde com um “tu” ou – porque a linguagem da memória é um pouco gaguejante – com um “mas tu não..?”. Às vezes, o “eu” é uma lonjura, implica um percurso qualquer, uma viagem ou uma chamada para casa, para que nos possamos reencontrar connosco mesmos: em **Tu.Tu.Tu**, Marcelo Tavares, dono de um currículo impressionante na área do som, tendo trabalhado com uma extensa família de autores do cinema português, de Teresa Villaverde a José Oliveira e Marta Ramos, liga para a casa da família, em Aveiro, enquanto produz uma vista (entre Louis Lumière e Jonas Mekas), a partir da observação da janela do seu quarto na residência estudantil: homens cortam a relva no jardim de uma vivenda. O fluxo de imagens aparece dissociado do som, mas este último está sempre a infundir de uma temperatura humana qualquer o que a câmara de vídeo mostra

(exemplo da dita chamada para a mãe ou da afetuosa troca de palavras com o pequeno irmão, quando Marcelo regressa a Aveiro). É um filme/aprendizagem rumorejante sobre o ser e o estar com os outros, enfrentando essa lonjura do “eu” – exercício que contou com orientação de Manuela Viegas, ilustre montadora do cinema português e responsável pela disciplina de montagem no Conservatório.

Falámos já da memória como trabalho de montagem, como matéria fotográfica pronta a ser re(a)cordada, ora, Rui Esperança, em **Tudo Vai Sem Se Dizer**, acede a esse “eu” que é um “outro” a partir do labor de sua avó, Armada Esperança, chefiando o negócio familiar numa loja de artesanato localizada em Viana do Castelo, mas o mais bonito aqui são mesmo os saltos e assaltos do tempo, gerados a partir de um conjunto de imagens amadoras, em película, encantadas pela música de Arvo Pärt e suportadas narrativamente por dois textos: uma carta vinda da Índia Portuguesa, datada de 1958, oferecida à nossa leitura, em silêncio, e uma notícia de jornal “oriunda” do ano de 1909, sobre uma série de concertos e romarias organizadas no município de Viana do Castelo. O cinema ou a memória surge, aqui, como tessitura de vários tempos, em que ecoa mais fundo e mais longe o suspiro da avó, libertado ao início, sobre se o seu negócio familiar terá algum futuro (quem reclama a continuação desta história toda, a desta avó e a de todos os nossos avós?).

O assunto volta a ser, mais essencialmente, o “eu” no filme de Lourenço Ferreira Pinheiro, **Registos**, obra-espelho introspectiva que faz da ideia de revelação fotográfica, presente no filme ensaístico de José Lobo Antunes ou da inclusão de filmes domésticos, em **Verão 77** e em **Tudo Vai Sem Se Dizer**, uma espécie de metáfora viva, conferidora de um corpo à sua história de vida, uma vida cindida por dois nomes (mas também unida, porque, como sabemos em cinema, o corte é ligação). Nestes “registos”, o aluno sugere uma história de múltiplas batalhas, desenrolada, primeiro, na solidão, no contacto com um “eu” que não se sabe/sabia rever ao espelho, que precisa/precisou de alguém ou de algo (do cinema, também?) para conquistar a segurança relativa a esse gesto, tão definidor, de olhar e ser olhado de volta, e sentir-se inteiro em toda esta troca. O próprio filme parece mimetizar, no processo de escrita (quer dizer, de montagem), essa viagem lenta, difícil e finalmente – queremos crer – recompensadora entre identidades e entre nomes. O relativamente longo plano final significará a conquista de um lugar qualquer onde o corpo já não precisa de afirmar a sua existência e identidade, pois, muito simplesmente, *existe*, entregando-se à atividade (expressiva e significativa, porque manual) da escrita. É o registo final de Lourenço, depois de vogar *nas* imagens da infância. E de enfrentar, em planos interpolados, produzidos nesse “aqui e agora”, o espelho inerte e interrogativo, aqui, de certo modo, substituído pelo olhar da câmara de filmar, que se pode confundir ainda com o nosso, o de espectadores representando a sociedade como um todo.

Por sua vez, Leonor Teles, na obra **Rhoma Acans** (expressão romani que significa “olhos ciganos”), vai à procura de quem podia ter sido, tentando encontrar pistas sobre esse hipotético outro “eu”, essa outra pessoa que talvez existisse agora caso o pai não se tivesse afastado da sua comunidade de origem: a cigana. É uma obra sobre o reencontro da cineasta com as suas raízes – a palavra “reconciliação” seria demasiado drástica aqui, porque o olhar de Teles advém de uma genuína curiosidade e da vontade de acolher quem esta poderia ter sido, concretamente, raparigas ciganas da sua idade, as suas “irmãs virtuais”. Teles regressaria a esta sua história, transformando-a numa forma de ação ou mesmo de rebelião, em **Balada de um Batráquio** (2016), curta que lhe valeu a distinção do Urso de Ouro para Melhor Curta-Metragem no Festival de Berlim.

Por fim, depois das flores dadas por Teles à comunidade que não a viu nascer, um realizador dá flores a outro cineasta, o seu pai ficcionado, uma oferta a edificar uma ponte entre alunos de diferentes gerações da Escola de Cinema. Num diálogo intergeracional, entabulado entre Luís Afonso de Matos e Luís Alves de Matos, desenhasse um círculo perfeito nesta sessão: abrindo e fechando com ficções, ambas trabalhos de fim de curso, as duas falando de ausências, faltas e silêncios entre um pai e o seu filho. Conseguimos imaginar o pai de **Verão 77** a remontar as cenas entre pai e filho que inspiraram **Flores para o Meu Pai**, desenroladas numa já distantes férias de Verão passadas no Alentejo. Luís Afonso de Matos lembra-se delas, mas... É caso para dizer: quem não tem cão, caça com gato, quer dizer, quem não tem um bom arquivo de imagens familiares para remontar, não tem melhor remédio do que reencenar essa memória pe(r)dida. **Flores para o Meu Pai** é uma terna (subtil e elusiva) aproximação à vida ou a lampejos daquilo que ela foi, num momento preciso no tempo, eivada de pequenos e subtis gestos trocados na relação pai e filho, dois seres bastante frágeis (sobretudo ele, o pai) à procura do “tu, tu, tu” que possa amparar as quedas, e quebras, do “eu”.

Luís Mendonça